

ESTUDO DE CASO COM UMA CRIANÇA COM PARALISIA CEREBRAL: POSSIBILIDADES DE ENSINO EM ARTES VISUAIS

Stéfani Rafaela Pintos da Rocha

Graduada em Artes Visuais-Habilitação em licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG (2012). Atualmente é aluna do mestrado em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação e Artes Visuais – PPGAV/UDESC.

Resumo: Este estudo tem o propósito de apresentar uma pesquisa de campo realizada na APAE de Florianópolis-SC com uma criança que tem o diagnóstico de paralisia cerebral. As atividades foram elaboradas objetivando o controle do gesto. Por esse motivo, foram realizadas adaptações de materiais e utilizados também como recursos assistivos o computador e o tablet, para a contação de história com a manipulação de brinquedos e pranchas em relevo, para posteriormente realizar o desenho por este ser considerado importante para o desenvolvimento motor. Como fonte teórica para esse estudo, foram utilizados autores como Duarte (2010, 2011), Wallon (1979), Galvão (2008) e Duarte e Piekas (2013).

Palavras-chave: paralisia cerebral, gesto, desenho, adaptações de materiais, objeto concreto.

CASE STUDY WITH A CHILD WITH CEREBRAL PALSY: POSSIBILITIES IN TEACHING VISUAL ARTS

Abstract: This study aims to present a field study conducted in APAE Florianópolis-SC with a child who has a diagnosis of cerebral palsy. The activities were developed aiming the gesture control. Therefore, adaptations of materials were also carried out and used as assistive devices your computer and your tablet for storytelling with handling toys and boards embossed to later realize the design by this being considered important for motor development. As a theoretical source for this study, authors like Duarte (2010, 2011), Wallon (1979), Galvão (2008) and Duarte e Piekas (2013) were used.

Keywords: cerebral palsy, gesture, drawing, adaptations of materials, concrete object.

Introdução

Estudos de caso realizados com crianças que possuem alguma deficiência são uma das alternativas para os licenciandos durante sua formação inicial conhecerem com maior propriedade e se aprofundarem em uma deficiência. Entretanto, são necessárias pesquisas relacionadas a inclusão, pois no contexto atual das escolas de ensino regular percebemos com maior impacto nas salas de aulas alunos que possuem em muitos casos mais de uma deficiência associada, caracterizada como deficiência múltipla.

Uma maneira de minimizar a distância do futuro professor em formação com a realidade que lhe espera pode ser oportunizada durante sua prática de estágio em

contextos em que o aluno encontra uma diversidade de características diferentes entre os alunos. Algumas universidades estão encaminhando-se para estruturar o currículo das licenciaturas que contemple todos os níveis de ensino e apresentam disciplinas sobre inclusão na grade curricular como: a UDESC, UFRGS, UFSM, USP, entre outras. Porém, sabemos que uma disciplina e o estágio ainda são insuficientes para resolver os problemas dos educadores que atuam na sala de aula do ensino regular, mas são possibilidades de “despertar” o caráter investigativo no docente e fazer com que ele identifique oportunidades e não dificuldades em incluir o público deficiente.

Presenciamos quase sempre o mesmo discurso frente a essa temática, por isso, estimamos que com a inserção de uma disciplina sobre o tema da inclusão ampliam-se caminhos para um estudo mais sólido com a prática de pesquisa de campo. A partir da vivência em uma instituição de ensino especial ou não, mas que possua alunos com deficiência, é possível adquirir um maior conhecimento sobre o tema, assim como aprender com os demais profissionais que atuam nesse ramo.

Esse estudo evidencia o quanto o estágio em uma instituição de ensino especial tem a contribuir para os licenciandos, e também, apresenta algumas atividades que podem ser desenvolvidas com outros tipos de deficiência e não somente com crianças que possuem paralisia cerebral, desde que as propostas tenham as devidas adequações. Além disso, pretendemos destacar alguns aspectos importantes que foram observados durante a prática de estágio na APAE a fim de promover reflexões sobre o método de ensino de desenho para pessoas que possuem comprometimento neuromotor.

Abordaremos nesse estudo as reflexões elaboradas a partir de uma prática de estágio, durante a realização do curso de pós-graduação em Artes visuais na APAE. A experiência teve como foco observar e propor materiais capazes de auxiliar o desenvolvimento de princípios que orientem a construção de objetos pedagógicos para o ensino de desenho para pessoas com deficiência.

Abordar a definição da paralisia cerebral e suas possíveis causas, como também a descrição das atividades em cada encontro, intenciona apresentar quais situações que forneceram maiores aprendizados e que recursos foram utilizados para alcançar o objetivo de controlar o gesto. Como fonte teórica para subsidiar as atividades, utilizou-se o livro “*Vocabulário Pictográfico para uma Educação Inclusiva 1: animais*”, escrito por Duarte e Piekas (2013) na qual revela alguns caminhos possíveis para ampliar e facilitar a comunicação entre todas as crianças por meio do desenho. Outro autor utilizado para essa pesquisa é Wallon (1979), pois seu livro “*Do acto ao pensamento:*

ensaio de psicologia comparada” aborda dois assuntos importantes que serão apresentados no decorrer da descrição das aulas, como a imitação e a representação.

Paralisia Cerebral: definição, possíveis causas e o caso específico de Gustavoⁱ

A Paralisia Cerebral foi identificada como deficiência primeiramente em 1843 por William John Little ortopedista inglês, que realizou um estudo com 47 crianças que apresentavam graus variados de movimento nos membros. Porém, o termo foi proposto por Sigmund Freud em 1893, na qual identificou as três principais causas sendo nesta ordem a seguir: (1) materno e congênito-pré-natal, (2) perinatal e (3) pós-natal, que determinam os casos de paralisia cerebral, conforme (MORRIS, 2007 *apud* BRASIL, 2013, p.08).

Ao frequentarmos o contexto de uma instituição de ensino especializado pela segunda vez, pois a primeira vez aconteceu durante a formação no curso de graduação em Artes Visuais, percebemos o quanto o atendimento individualizado promove benefícios à criança com deficiência. Por isso, optamos por realizar um estudo apenas com uma criança para poder intervir com mais cuidado e assim, conforme foram ocorrendo as atividades, aos poucos, fomos criando um vínculo com o aluno. Todavia, para ele se habituar a uma nova pessoa no ambiente, utilizamos alguns brinquedos e gestos, que simulavam uma brincadeira por alguns momentos. Entretanto, de acordo com sua reação e ao estímulo a que era submetido, agia de uma maneira como muitas vezes sorria e direcionava sua mão apontando que queria segurar o objeto e realizar o gesto, mas por muitos momentos não atingimos essa aproximação, em vista de suas expressões faciais aparentarem “cansaço”, pois muitas vezes o motivo era o sono, outras, pela medicação.

A prática de estágio foi realizada com Gustavo que tem 9 anos e possui encefalopatia crônica não progressivaⁱⁱ tipo tetraparesia flácida e deficiência intelectual moderada com atraso na linguagem, caracterizando em deficiência múltipla. Frequenta a APAE duas vezes na semana, no período matutino e tem outros atendimentos como a fisioterapia, aula de dança e fonoaudiologia. Após observá-lo, percebemos que gosta de se envolver em atividades que tenham um caráter lúdico e em grupo. Outro aspecto que tem importância são as relações interpessoais, pois conforme o comportamento do

aluno, podemos visualizar seu contentamento ou frustração frente algumas atividades oportunizadas com jogos que demandam habilidade manual.

Acreditamos, que a criança com paralisia cerebral pode usufruir do desenho para ampliar suas fontes de comunicação, bem como é um exercício que a “prepara” para uma futura escrita e auxilia no desenvolvimento motor e cognitivo. Conforme Duarte (2011 p.101) “a grafia inicial precisa ser vivenciada por todas as crianças. Ela é essencial para que a criança, experimentando, adquira controle sobre os gestos que, mais tarde, vão lhe garantir a possibilidade de escrever e desenhar figuras”.

Com base nessas informações, elaboramos as atividades levando em consideração o comprometimento motor do aluno. Em vista disso, foram criados alguns adaptadores para lápis, utilizadas pulseiras de peso para diminuir o movimento involuntário conhecido por ataxia, e para fins de experimentação tátil e de fácil manipulação, desenvolveu-se uma atividade com o tablet.

Atividades realizadas durante a experiência na APAE

Antes de iniciar as atividades com esse aluno, houve a necessidade de realizar observações, conversar com as duas professoras da sala e ler sobre o assunto. Embora já tivéssemos atuado em outro momento com pessoas que possuem a mesma deficiência, sabemos que o grau e as condições em que a pessoa se encontra, interferem e fazem de cada ser humano, único. Por esse motivo, não podemos criar uma “receita” de atividades ou metodologias para esse grupo social, pois cada um possui suas peculiaridades e assimila o conteúdo de acordo com o seu tempo.

Pensando nesses aspectos, que veio à tona os seguintes questionamentos: Qual conteúdo será ensinado a esse aluno? Como irei desenvolver as atividades? E de que forma avaliá-lo? Diante dessas dúvidas optamos por organizar as aulas considerando que o aluno desconhecia os elementos da sintaxe da linguagem visual que são: linhas, formas geométricas, ponto, positivo e negativo, entre outros. Pois em alguns encontros quando estávamos apenas observando pode-se constatar que ele não conseguia reconhecer as cores e algumas formas geométricas. Entretanto, apenas selecionamos as linhas e formas básicas para iniciar com as atividades, pois tratando-se de mais de uma deficiência associada a criança necessita de um tempo maior e de repetição do mesmo assunto para aprender.

Por esse motivo, iniciamos as atividades com o estudo das linhas, seguido das formas geométricas básicas, para finalizar com os pictogramas dos animais que são desdobramentos de esquemas gráficos infantis, propostos por Duarte e Piekas (2013, p. 51) na qual apontam que os “pictogramas são desenhos simplificados cuja função é apresentar objetos concretos, ou ações, ou sentimentos. Podemos associar esse modo de representação aos primórdios da escrita”.

Para propor atividades com desenhos de animais, a criança necessita aprender antes a identificar linhas e formas geométricas, pois serão necessários para a elaboração dos pictogramas. No entanto, após essa etapa alcançada pode-se recorrer à sistematização de atividades que consistem no exercício da motricidade fina por meio do desenho, que não somente apresentam uma função comunicacional e cognitiva conforme apontam Duarte e Piekas (2013), mas permitem através do exercício repetitivo o controle do gesto como veremos a seguir em um dos desenhos produzidos por Gustavo.



Figura 1- Cobras correndo
Fonte: Arquivo da autora, 2014.

Essa imagem é proveniente de alguns encontros realizados com o aluno, e nesse dia iniciamos a aula com a contação de uma história sobre os animais e utilizamos como recurso dois brinquedos, os sapos com luz intermitente e as cobras de madeira. Após a história foi solicitado que Gustavo desenhasse as cobras “correndo”, como verificamos na imagem anterior.

Na sala de aula além de Gustavo, havia outros alunos e mais duas professoras, tanto que no decorrer dos encontros percebemos que o aluno ficava mais atento quando a atividade era realizada com todos e não somente com ele, individualmente. Pois, no início realizávamos apenas com ele, mas ao identificarmos essa desconcentração dele e

dos demais colegas que interferiam e queriam participar também, resolvemos desenvolver com os demais e com o auxílio das educadoras da sala.

O primeiro encontro consistia à priori em manipular as pranchas das linhas em relevo com diferentes texturas e formatos, e em seguida, reproduzir o movimento de uma linha reta utilizando um carro de brinquedo. Ao solicitarmos a Gustavo que realizasse com o carro como ele anda em linha reta, ele conseguiu reproduzir e depois com a tinta guache em uma folha de ofício ele fez o desenho de uma linha reta e outra ondulada. Para Duarte (2011, p.108) por meio dos objetos a criança pode obter “diferentes linhas de acordo com o movimento sugerido por cada brinquedo: o traçado reto de um carrinho de choque, o círculo configurado por uma roda gigante”.

Como essa foi a primeira atividade e estávamos conhecendo melhor o aluno, realizamos apenas com ele. Mas nesse encontro outro colega da sala queria participar da atividade, então deixamos que ele realizasse também, porém, com auxílio da outra professora. Foi a partir desse dia que pensamos em atividades coletivas que envolvessem todos, pois assim tanto Gustavo como seus colegas conseguiriam aprender juntos sem interferir na concentração de todos durante o exercício individual de cada um.

Após esse dia iniciamos sempre com uma história envolvendo as linhas e utilizando brinquedos para exemplificar o movimento e para que facilitasse na compreensão do assunto. Assim como, utilizamos como metodologia os procedimentos de ensino de desenho proposto por Duarte e Piekas (2013) no livro “*Vocabulário Pictográfico para uma Educação Inclusiva 1: animais*” para sistematizar as atividades.

Em alguns encontros realizamos as aulas apenas com Gustavo, pois seus colegas estavam em atendimento. E também desenvolvíamos as aulas apenas uma vez na semana com ele na qual resultou em seis encontros, visto que no outro dia que frequenta a APAE está na sala com outros professores ou em atendimento.

Percebemos então com essa primeira atividade que a tinta guache não foi um bom material para ser utilizado com o aluno que possui comprometimento motor, em vista da consistência da tinta pois não ficava claro o traçado da linha no papel, apenas sabemos que ele fez uma linha reta por ter acompanhado o movimento de sua mão. E como a proposta do estudo tem por objetivo o controle do gesto, acreditamos que a criança com paralisia cerebral pode usufruir do desenho para ampliar suas fontes de comunicação, bem como é um exercício que a “prepara” para uma futura escrita. Então,

nos demais encontros ele utilizou lápis de cor e giz de cera com engrossadores para auxiliar na apreensão, que segundo Galvão:

No ato de apreensão, por exemplo, observamos uma grande evolução desde os primeiros gestos globais que se adaptam mal aos objetos, até ser possível o movimento de pinça, cada vez mais adequado às características do objeto (GALVÃO, 2008, p. 73 -74).

No segundo encontro, a atividade foi realizada apenas com Gustavo pois seus colegas estavam em atendimento. Então nesse dia conseguimos desenvolver melhor a aula pois a atenção foi direcionada somente para ele e percebemos que quando estava sozinho na sala, conseguia se concentrar melhor e entender com maior facilidade a proposta.

Iniciamos com uma história sobre as cobras e os sapos de brinquedo destacando a diferença de cada animal e como se locomovem. Utilizamos esses dois, pois com a cobra pretendíamos ensinar a linha reta e ondulada de acordo com o movimento sugerido pela cobra de madeira, e também formar o círculo com ela ao unir as duas pontas do corpo. Com os sapos, abordamos a linha curva, na qual mencionávamos que o sapo pula para cima e para frente, formando uma “curva” no ar. Após mostrar para o aluno como era o movimento de cada brinquedo, solicitamos que ele reproduzisse o gesto, ele contente segurou primeiramente as cobras e começou a explorar tatilmente e depois de acordo com o que comentávamos, ele realizava os gestos da linha reta, sinuosa e do círculo com a cobra, e em seguida com os sapos como podemos ver nas imagens a seguir.



Figura 2 – Linha reta com a cobra de brinquedo –
Fonte: Arquivo da autora, 2014.



Figura 3 – Sapos pulando para cima – Fonte:
Arquivo da autora, 2014.

Posteriormente ao exercício de imitação do gesto colamos na parede da sala folhas de ofício, pois foi a melhor forma que encontramos para que Gustavo pudesse desenhar. Antes disso, utilizamos a priori uma lousa e colocamos nela o suporte da fita

adesiva por apresentar uma consistência firme e depois, uma tampa de plástico. Iniciamos pelo primeiro recurso, porém este não foi o mais adequado, por que não foi fixado na lousa para Gustavo realizar o desenho do círculo, e por isso, ele não conseguiu contornar com facilidade a parte interna do suporte da fita. Então, optamos ir para uma parede da sala e colar folhas de ofício, e também fixar a tampa na folha para que não se desprendesse enquanto ele realizava o traçado do círculo contornando a borda. Esta foi a forma mais acessível e a melhor posição encontrada para que ele pudesse desenhar. Ressaltamos que Gustavo realizou o contorno da direita para esquerda, no sentido contrário ao da escrita, acreditamos que essa foi a melhor forma adotada por ele para realizar o contorno.

Com base na reação de Gustavo, percebemos que ao utilizarmos um recurso concreto a criança consegue assimilar com maior rapidez e de forma lúdica, pois na brincadeira também se aprende. Observamos a importância de utilizar a pulseira de peso para diminuir os movimentos involuntários da criança, pois assim ela conseguirá realizar a atividade com maior facilidade.

Ao terceiro dia de atividade conseguimos desenvolver a aula com todos os alunos com auxílio das professoras da sala, porém mantendo o foco apenas em Gustavo. Na mesa disponibilizamos os brinquedos e uma casa confeccionada de papelão para iniciarmos outra história, agora introduzindo outro elemento concreto, a casa. Além desses recursos, utilizamos dois moldes vazado sendo um da casa e outro do triângulo e projetamos na parede com a lanterna para observarmos a sombra da casa e depois da forma triangular aproximando e afastando a luz. Com essa atividade as crianças se envolveram e cada uma imitou o gesto de aproximar e afastar a luz do molde da casa, e depois, solicitamos que cada uma colocasse sua mão na frente da luz para ver como era a forma projetada na parede mencionando que ao posicionarmos a luz bem perto da nossa mão a sombra dela fica grande e ao afastar, ela diminui de tamanho. As crianças se divertiram muito com essa atividade e após experimentarem por um tempo com a lanterna, fomos para a prática que consistia em desenhar uma casa e uma árvore.

Ao percebermos a dificuldade de Gustavo para desenhar uma casa, utilizamos o mesmo molde da casa vazado e colamos em uma folha na parede da sala. Nesse dia, ele não estava com suas pulseiras de peso o que dificultou o controle do movimento da sua mão e gerou um maior esforço e cansaço no aluno. Diante dessa situação, seguramos sua mão e realizamos em um processo de imitação sensório-motora o contorno interno da casa, conforme a proposta sugerida por Duarte (2011, p.111). Em seguida,

realizamos o desenho da árvore sem moldes mas segurando sua mão, bem como observamos os desenhos dos outros alunos da sala. Por último, colocamos a lousa em seu colo e pedimos que ele desenhasse as cobras em movimento e sem ajudá-lo, nesse momento percebemos que por meio do movimento da sua mão ele havia assimilado o gesto. Nesse sentido, retomamos Wallon (1979), quando menciona que o movimento é a primeira forma de expressão da criança e é o primeiro campo a se desenvolver. É através do movimento, que desenvolvemos nossa percepção.

No quarto encontro contamos a história que englobava as cinco formas geométricas básicas por meio de imagens organizadas em slides no computador. Mas antes de iniciar a história realizamos um pré-teste com Gustavo para identificar quais formas reconhecia, e com isso percebemos que ele confundia a forma do círculo com a oval e a do quadrado com o retângulo, como também não conseguiu discernir a forma do círculo em relação as outras formas quando dispostas todas juntas sobre a mesa.

Logo após, iniciamos a história da “família quadradinha” abordando a forma do quadrado, e posteriormente, comentamos sobre as outras “famílias” e suas diferenças. Todavia fomos comparando com objetos da vida diária e realizamos em seguida, um diálogo sobre cada forma associando sempre com imagens.

Durante nossa conversa sobre as formas, Gustavo foi interagindo e tocando na tela do computador, e em alguns momentos assinalava para alguns objetos da sala, como por exemplo, quando foi mencionado que o círculo se parecia com o formato do relógio, ele apontava para o que estava na parede da sala de aula por ter visualizado anteriormente a imagem no slide.



Figura 4 - Estudo do círculo
Fonte: Arquivo da autora, 2014.

No decorrer da contação da história Gustavo manuseava a tela do computador apontando para as formas e aos poucos colocávamos em sua mão a forma correspondente a da imagem que aparecia para que ele manuseasse, pois sua ação demonstrava que ele queria tocar, sentir a textura, o tamanho da imagem. É importante salientar que a criança ao experimentar tatilmente consegue depreender com maior facilidade o que está sendo dito e quanto mais exemplos forem disponibilizados, maiores serão as possibilidades de aprendizagem.

No encontro seguinte, novamente estávamos sozinhos na sala e colocamos um suporte de madeira sob suas pernas para simular uma mesa e distribuímos as cinco formas geométricas básicas que são: o círculo, quadrado, triângulo, retângulo e oval. Em seguida, realizamos outro teste para saber se ele havia assimilado alguma das formas, e iniciamos solicitando que ele pegasse a forma oval que se parece com o “ovo” e ele identificou. Porém em relação as outras formas ele não conseguiu reconhecer, somente após relacionar com algum objeto da sala de aula.

Por esse motivo, utilizamos uma casa pequena de brinquedo para exemplificar a forma do triângulo e do quadrado, assim como a do retângulo. Ao mostrarmos a casa para Gustavo ele reagiu com entusiasmo e começou explorar tatilmente com muita atenção todas as partes da casa. Conforme ele passava a mão, mencionávamos qual forma configurava a face que ele tocava, e assim apresentamos novamente as formas do triângulo, quadrado e retângulo por meio de um objeto tridimensional.

Logo, perguntamos a ele qual das formas que estavam sob seu colo representavam a figura da casa, e ele selecionou primeiramente o quadrado e depois o triângulo. Todavia, disponibilizamos uma folha para que colasse as formas que havia selecionado assim como indagamos como gostaria de organizar a folha de ofício e deixamos que escolhesse sua orientação, na qual selecionou a posição em retrato. Com auxílio ele colou as duas formas e questionamos se faltava algum elemento na casa ou se ele pretendia realizar algum desenho ao redor da imagem.

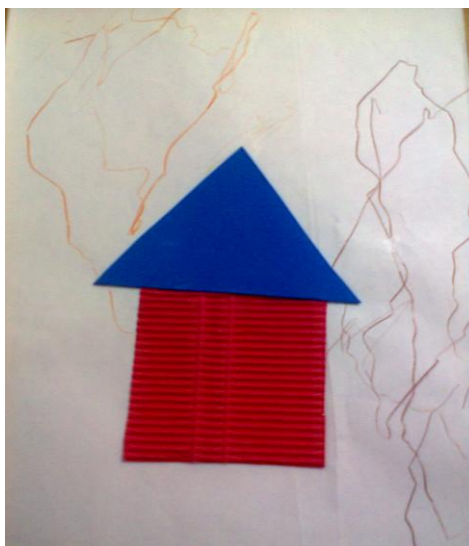


Figura 5 – Sol, casa e árvore à direita
Fonte: Arquivo da autora, 2014.

Ao observarmos sua colagem Gustavo começou a apontar para a figura do quadrado na qual interpretamos que ele queria desenhar a porta, pois ao ser questionado se era a porta que gostaria de desenhar, ele respondia “é”. Como ele fala poucas palavras, a todo o momento temos que indagá-lo para saber se o seu gesto corresponde realmente com o que foi proposto ou com o que ele deseja expressar. Esta foi a forma adotada para compreendê-lo, e mesmo assim, após interrogá-lo ele não desenhou a porta, mas realizou o desenho da árvore e posteriormente o sol, conforme o solicitado.

De acordo com alguns dos trabalhos produzidos por esse aluno, acreditamos que ele está em um princípio de garatuja ordenada, pois alguns dos seus desenhos não fornecem informações suficientes para confirmar essa hipótese em vista do seu comprometimento motor. Porém, quando solicitado a reproduzir a forma do triângulo com o dedo indicador na parede, podemos perceber que ele automatizou o gesto.

Para se obter uma garatuja ordenada, Duarte e Piekas (2013, p. 69) afirmam que “o controle da garatuja implica não apenas o controle da motricidade, mas ele anuncia uma aprendizagem, uma capacidade para memorizar e reproduzir um gesto gráfico”. Assim como, identifica-se uma garatuja ordenada quando a criança realiza na mesma direção o traçado de linhas, com repetição do mesmo traço ou consegue realizar uma forma, ou seja, enclausurar um plano quando a linha não configura um traço qualquer tornando-se um desenho quando se fecha, como aponta Duarte (2011, p.113).

De acordo com Wallon (1979), a capacidade de representação provém da imitação, pois a primeira se manifesta no plano mental, ou seja, simbólico. E a segunda, surge no plano motor, na qual é uma ocasião para repetir a aprendizagem que já está feita usando como modelo uma imagem visual ou auditiva. O autor salienta que:

Num segundo tempo, de certa maneira inverso do primeiro, a criança retomaria a imagem que pôs de si nas coisas para melhor as realizar nela própria, utilizando os seus movimentos, as suas atitudes e o próprio corpo como símbolos capazes de dar as coisas uma espécie de presença efectiva (WALLON, 1979, p. 149).

Em detrimento dessa constatação, organizamos uma nova história para o último encontro sobre os “amigos diferentes e suas casas” em que exibimos pelo computador imagens das cinco formas e também, imagens do desenho animado “Bob Esponja” e de seu amigo “Patrick”. Decidimos repetir as formas geométricas, pois o aluno demonstrou não ter automatizado todas, e por isso, nessa outra história realizamos uma animação no slide para mostrar como a forma do círculo se transformava na forma oval, e o mesmo acontecia com a forma do quadrado se transformando em retângulo. Os termos utilizados para diferenciar as formas foram “esticadinha”, “comprido” e com os braços fomos demonstrando ao aluno que o quadrado quando “sentia preguiça” ele se esticava para os laterais formando um retângulo, e às vezes ele podia realizar o mesmo movimento para cima e também apresentava a mesma forma, mas em diferente posição no espaço.

Ao pronunciarmos e realizarmos os gestos de esticar os braços, o aluno começou a imitar abrindo seus braços na horizontal para exemplificar a forma do retângulo, como também os direcionou para cima a fim de mostrar a outra posição da forma retangular. Nesse momento, entendemos que o aluno compreendeu a diferença dessas formas geométricas e isso foi possível, devido a linguagem adotada.

Após a exibição das formas pelo computador, utilizamos um jogo de encaixe em madeira que contém três formas geométricas básicas de diferentes cores e ordenado por tamanhos do maior ao menor, sendo o quadrado na cor vermelha, o triângulo na cor azul e o círculo na cor amarela. Realizamos com todos, e na vez de Gustavo ele não conseguiu identificar apenas a forma do círculo, assim como encontrou dificuldades para encaixar cada peça no jogo necessitando de auxílio para finalizá-lo.

Por último, utilizamos uma ferramenta de desenho no tablet na qual foi solicitado que cada um fizesse o desenho da casa. Quando fomos realizar com Gustavo

seu entusiasmo foi maior que a concentração e em decorrência da ataxia, seu desenho não se assemelhava ao de uma moradia. Encerramos a atividade mostrando um jogo no tablet com as formas geométricas que continha imagens cotidianas, a fim de reforçar o que foi exposto anteriormente com a história. Com as figuras geométricas no tablet, o aluno reconheceu algumas no qual ficou evidente por meio do gesto que reproduzia na tela do aparelho ou também, quando solicitávamos que tocasse na forma do círculo, e ele direcionava sua mão para apontar.

Considerações Finais

Conforme o exposto destacamos alguns pontos importantes durante a pesquisa de campo. Primeiramente identificamos que o aluno demonstrou maior envolvimento durante a aula quando participava junto com seus colegas, mas quando estava sozinho realizando a atividade parecia mais atento a proposta. Cabe ressaltar que o atendimento individualizado fornece maiores aprendizagens a criança assim como, pode-se propor atividades mais elaboradas e que demandam um lugar tranquilo. Além disso, referente a questão “E de que forma avaliá-lo?” consideramos relevante salientar a imitação do gesto com crianças que não desenvolveram a linguagem ou que possuem atraso na fala, pois foi a partir da reprodução do movimento que conseguimos verificar se Gustavo havia assimilado ou não. Sobre os outros questionamentos: Qual conteúdo será ensinado a esse aluno? Como irei desenvolver as atividades? Optamos, por ensinar os elementos da sintaxe da linguagem visual, pois estes são conceitos iniciais para que se possa desenvolver atividades com desenho. E por último, iniciamos com a manipulação de pranchas em relevo das linhas e formas geométricas, bem como a manipulação de formas e objetos tridimensionais e visualização de imagens por meio do computador e tablet.

Outro aspecto relevante é a utilização de objetos concretos para exemplificar uma linha ou uma forma geométrica, pois percebemos que auxiliam muito para o aprendizado da criança ou o próprio corpo como afirma Galvão (2008). Como também, a utilização de imagens que contenham elementos da vida diária. Dentro desse pensamento, o corpo também pode e deve ser usufruído para auxiliar na compreensão do movimento necessário para realizar um gesto quando este não é compreendido no traçado de uma linha realizada com um lápis. Além disso, compreendemos a relevância

da repetição individual de cada assunto abordado como sugere Duarte (2011) como, por exemplo, uma forma geométrica por cada encontro até que a criança aprenda e demonstre por meio do desenho ou gesto sua aprendizagem. Assim como utilizar os recursos adequados para que assimile com maior facilidade e entusiasmo com relação aos estímulos que recebe. Isto ficou claro em muitos momentos quando utilizamos com frequência brinquedos com e sem luz, imagens, tampas, o computador e por último, o tablet.

Atividades com desenho, portanto, são importantes pois fazem parte da infância da criança e necessita ser trabalhado também com quem possui comprometimento neuromotor para auxiliar no desenvolvimento da motricidade, bem como proporcionar maiores aprendizagens ao aluno, adaptando os materiais necessários para cada atividade e quando não for claro o traçado do lápis no papel, que a criança consiga expressar sua aprendizagem por meio do gesto como sugere Wallon (1979).

Em suma, pode-se obter por meio do desenho uma ampliação da comunicação com as demais crianças, em vista de que ele antecede a escrita, bem como prepara a criança para aprender a escrever devido ao movimento realizado para traçar uma linha conforme Duarte e Piekas (2013). E, por último, promover à criança com dificuldade motora maior autonomia para expressar através do desenho suas preferências e aprendizagens.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à pessoa com paralisia cerebral**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. **Desenho Infantil e seu ensino a crianças cegas: razões e métodos**. Curitiba, PR: Editora Insight, 2011.

DUARTE; PIEKAS, Maria Lúcia Batezat; Mari Inês. **Vocabulário Pictográfico para uma educação inclusiva 1: animais**. Curitiba: Insight Editora, 2013.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 18 ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2008.

WALLON, Henri. **Do acto ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. 1ª ed. Lisboa, Portugal: Editora: Moraes, 1979.

ⁱ Nome fictício.

ⁱⁱ É uma nomenclatura mais rebuscada e adotada por alguns autores, para se referir também a paralisia cerebral.